

## AS MULHERES DO JIQUI

Em Quixelô, no Ceará, a uns 40 quilômetros de estrada de chão, tem a comunidade do Jiqui, um lugar bonito, bem organizado, cheio de gente unida e acolhedora, com mulheres incríveis que resolveram se juntar em uma associação para buscar recursos e ampliar o que cada uma já fazia por conta própria.

Foi aí que apareceu o Programa ATER Mulheres Rurais, promovido pela ANATER (Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural) e pelo MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar), que trouxe uma grande virada para a economia local. Esse projeto foi fundamental para ajudar as agricultoras familiares, trazendo mais conhecimento, inovação e, claro, novas oportunidades para fortalecer a economia da região. Durante o acompanhamento técnico, as participantes receberam todo o suporte necessário para melhorar suas práticas, ampliar suas redes de vendas e conquistar mais autonomia no campo. E o melhor de tudo: além do apoio técnico, cada mulher inscrita recebeu um apoio financeiro, o que fez com que as 14 participantes do programa na comunidade do Jiqui conseguissem ampliar suas atividades e projetar um futuro melhor.

Dessas 14 mulheres, vamos conhecer a história de 5 delas que, mesmo estando no começo da capacitação e expansão dos seus negócios, já demonstram muita coragem e vontade de alcançar cada vez mais conquistas.





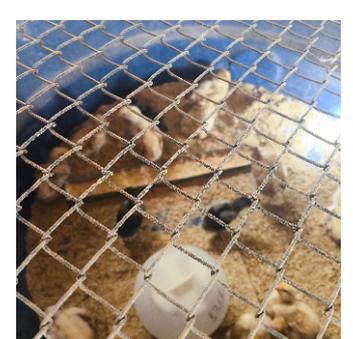
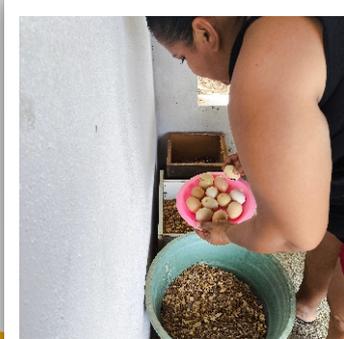
Ivânia Alves da Silva Bezerra, 42 anos, mora com o esposo e dois filhos na comunidade Jiqui, em Quixelô. Nascida no município, mudou-se jovem para São Paulo após se casar. Lá, viveu por quase 20 anos, trabalhando na cidade enquanto o marido seguia na roça. Com a pandemia, retornou para buscar os pais, mas, após a perda do pai, decidiu ficar para cuidar da mãe. Assim, a família se estabeleceu definitivamente em Quixelô. Inicialmente, moraram na sede do

município, mas, com as dificuldades, fixaram-se na comunidade Jiqui, a 40 km dali. Enquanto o esposo trabalha na roça, Ivânia cuida da casa e cria porcos, tanto para consumo quanto para venda. Participando da associação de mulheres, foi contemplada pelo Programa ATER Mulheres Rurais, o que permitiu ampliar suas baias e aumentar a produção. Hoje, feliz com sua nova rotina, ela e a família seguem a vida na tranquila comunidade Jiqui.



Juliana Gomes Rodrigues, 40 anos, é casada com Marco Suel, com quem tem dois filhos, um de 15 anos e outro de 5. Natural do sítio Córrego, conheceu o esposo enquanto trabalhava entre a sede e a zona rural. Após se casarem, compraram uma casa na comunidade do Jiqui, terra de Marco Suel. Com a seca da última década, mudaram-se para Brasília, onde viveram por cinco anos. Lá, Marco Suel se profissionalizou como mecânico, mas, com a pandemia, decidiram retornar ao Ceará e se estabelecer definitivamente no Jiqui, onde

compraram uma casa maior, com espaço para as crianças e para a oficina de Marco Suel. Querendo ajudar nas despesas, Juliana, que já criava algumas galinhas, viu potencial na produção de ovos. Decidiu ampliar a criação e plantar fruteiras no quintal. Com o apoio do Programa ATER Mulheres Rurais, construiu um pequeno galpão e comprou pintos de postura, aguardando ansiosa o início da produção para consumo próprio e venda do excedente.



Luana Silva Correia, 41 anos, nasceu e cresceu na comunidade do Jiqui. Mora com o esposo e o filho de 14 anos, enquanto a filha de 23 vive em outra cidade. Ela e o marido produzem queijo coalho. Começaram com apenas três peças, mas, ao longo do tempo, aumentaram a produção comprando mais leite, além do que tiram de suas próprias vacas. Hoje, mesmo em tempos difíceis, produzem mais de 20 kg diários, vendidos para comerciantes de Sobral e Fortaleza, que retiram o produto diretamente na



pequena fábrica de laticínios da família. O Programa ATER Mulheres Rurais impulsionou melhorias na infraestrutura do espaço. A história desse casal comprova o potencial do Semiárido e que, com dedicação, é possível alcançar grandes conquistas.



Verônica Lopes Monteiro Viana, 46 anos, nasceu em São Paulo, mas vive em Quixelô desde bebê. Morou em uma comunidade vizinha até se casar, há mais de 20 anos, e fixar residência na comunidade do Jiqui. Hoje, ela e o esposo vivem sozinhos, pois os filhos já seguiram para outra cidade. O casal depende do auxílio do governo e dos trabalhos eventuais do marido na agricultura. Em busca de uma renda extra mais estável, Verônica, com apoio do Programa ATER Mulheres Rurais, investiu na criação de galinhas poedeiras, construindo um pequeno galpão com 60 aves em crescimento. Enquanto isso, algumas galinhas já garantem o consumo da casa. O casal sonha em expandir a produção de ovos para alcançar maior segurança financeira e melhorar sua qualidade de vida.



Ana Cristina, 51 anos, é um exemplo de criatividade e superação. Nascida e criada na comunidade Jiqui, está casada há 32 anos. Seus dois filhos já seguiram novos caminhos. O negócio de bolos começou com sua mãe, que vendia de porta em porta. Com a aposentadoria da mãe, Ana deu continuidade ao trabalho, mas precisou interromper em 2017 devido ao alto custo do gás de cozinha. Com apoio do Programa ATER Mulheres Rurais investiu na construção de um forno a lenha e carvão, garantindo a produção sem depender do gás. Hoje, com uma operação mais estável, Ana fornece bolos para escolas pelo Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e vende de 20 a 25 unidades aos sábados na comunidade, aumentando sua renda. Ela e o esposo vivem com mais tranquilidade, longe da agitação da cidade, em uma comunidade marcada pela segurança, respeito e amizade.

E assim as mulheres do Jiqui vão seguindo firme, sempre com a cabeça cheia de planos para expandir seus negócios e, a cada dia, aprendendo mais para administrar o crescimento das suas atividades. Hoje, elas se sentem orgulhosas de poder contribuir para o orçamento de casa e estão mais seguras sobre o que querem e onde pretendem chegar. Além disso, a busca por uma alimentação saudável é algo constante, e logo não será surpresa ver que quase tudo o que a comunidade precisa para se alimentar vai ser produzido por lá mesmo. A comunidade já está se destacando e, agora, até incentivando outras a fazerem o mesmo porque estão vendo que dar o primeiro passo é essencial para tirar um sonho do papel.